

[ TT00845 ]

Hello, Boy !

Roberto Gill Camargo

"Texto pertencente ao acervo de peças teatrais da biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), digitalizado para fins de preservação por meio do projeto Biblioteca Digital de Peças Teatrais (BDteatro). Este projeto é financiado pela FAPEMIG (Convênio EDT-1870/02) e pela UFU. Para a montagem cênica, é necessário a autorização dos autores, através da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais - SBAT"

Hello, Boy !

FICHA TÉCNICA PARA COMPROMISSO DE INTENÇÃO

PEÇA: HELLO, BOY!

AUTOR: Roberto Gil Camargo

DIREÇÃO: Roberto Lage

ELENCO: Elias Andreato

Renato Modesto

ADMINISTRAÇÃO: Rosa Casalli

ILUMINAÇÃO: Guilherme Bonfanti

SONOPLASTIA: Fernanda Brankovic

Os acima discriminados assinam este compromisso.

ROBERTO LAGE

ELIAS ANDREATO

RENATO MODESTO

ROSA CASALLI

GUILHERME BONFANTI

FERNANDA BRANKOVIC

ELIAS ANDREATO

EM

HELLO, BOY!

DE ROBERTO GILL CAMARGO

APRESENTANDO RENATO MODESTO

PROGRAMAÇÃO VISUAL E ESPAÇO CÊNICO - ELIFAS ANDREATO

DIREÇÃO ROBERTO LAGE

TEXTO ROBERTO GILL CAMARGO

DIREÇÃO: ROBERTO LAGE

COM ELIAS ANDREATO E RENATO MODESTO

ASSISTENTE DE DIREÇÃO: FERNANDO JACON

PREPARAÇÃO CORPORAL: VIVEN BUCKUP

PROGRAMAÇÃO VISUAL E ESPAÇO CÊNICO: ELIFAS ANDREATO

FIGURINOS: DOMINGOS FUSCHINI

AMBIENTAÇÃO: LUCA BALDOVINO

CENOTÉCNICO: PAULO CALUXE

ADEREÇOS: FÁBIO BELUZZO BRANCO

COSTUREIRA: EUNICE SIMOES ALVES

OPERADOR DE LUZ: GUILHERME BONFANTI

OPERADORA DE SOM: FERNANDA BRANKOVIC

RELEASE: LUIZ FERNANDO RAMOS

FOTOS: LUCIANA DE FRANCESCO

DIVULGAÇÃO: CACA (CARLOS AUGUSTO CARVALHO)

ROSA CASALLI

MIRIAM LINS

PRODUÇÃO EXECUTIVA E ADMINISTRAÇÃO: ROSA CASALLI

ROBERTO LAGE FOI DIRETOR DE "A LENDA DO PIUÍ"

SERVULO AUGUSTO E JOSÉ RUBENS CHASSERAUX

ROBERTO LAGE FOI DIRETOR DE "ESCOLA DE MULHERES"

MOLIÉRE

ELIAS ANDREATO FOI ARNOLFO EM "ESCOLA DE MULHERES" - DE MOLIÉRE - 1984

ROBERTO LAGE FOI DIRETOR DE "VIÚVA PORÉM HONESTA"

NELSON RODRIGUES

ELIAS ANDREATO FOI FREI CANECA EM "O AUTO DO FRADE" DE JÃO CABRAL - 1985

ELIAS ANDREATO FEZ "O GOSTO DA PRÓPRIA CARNE" DE ROBERT INAURATO - 1985

ROBERTO FOI DIRETOR DE "O GOSTO DA PRÓPRIA CARNE"

INAURATO

ELIAS ANDREATO FEZ "TRÁGICO A FORÇA" DE TCHEKOV - 1982

ROBERTO LAGE FOI DIRETOR DE "BAAL"

BERTOLD BRECHT

ELIAS ANDREATO FEZ O "DIÁRIO DE UM LOUCO"

(MONÓLOGO) DE GOGOL - 1980

ROBERTO LAGE FOI DIRETOR DE "A MORTA"

OSWALD DE ANDRADE

HELLO, BOY!

De fragmento em fragmento a vida escorre.

É uma peça instigante: provoca o encontro da inocência com a solidão., uma experiência de vida que une extremos.

A dramaturgia de Hello, Boy! procura contar uma estória através de novos recursos e esse objetivo é plenamente atingido. É uma peça de amor entre um jovem adolescente e uma professora de inglês já madurona; um amor proibido pelo preconceito social. Hello, Boy! prova concretamente a existência e a verdade do afeto, acima dos tabús e das interdições. O "comportamento" é o tema, e nada mais moderno do que abordar o comportamento dos homens nesse mundo mistificado pela cultura de massa.

Hello, Boy !

Renato Borghi

Ator

Homem de Teatro, Criador do Teatro Oficina

HELLO, BOY!

Depois de conhecer o universo de Tchekov, Sófocles, Strindberg, Molière, Artaud, Gógol, Inaurato, Gorki, eu li Hello Boy.

Confesso, tive "medos", quase disse não.

Como artista pensei: será que isto não é uma banalidade?

Como ator pensei: será que eu não vou passar por ridículo ou será que eu sou absurdamente pretensioso?

Mas conversando com Herivelto Martins, ele me disse: "O Amor é o Ridículo da Vida".

Reli o texto e apaixonadamente pedi desculpas ao autor.

Fiquei pensando na minha vida aos 30 anos sonhando com a simplicidade de me apaixonar carinhosamente com fundo musical e a cores como no cinema... Esbarrei na minha solidão que convive com o meu cotidiano e antes de tomar o Dienpax, chorei muitas vezes... queria ser feliz, mesmo que fosse rapidamente feliz como as personagens de Hello, Boy.

O universal está no amor, e o amor não se define... E eu quero junto com o poeta Gil que o super homem venha nos restituir a glória por causa da mulher, pra poder gritar sem preconceitos de raça, credo, cor, sexo...

I LOVE YOU

Elias Andreato

Ator

"HELLO, BOY"

O Teatro é um exercício de imaginação e magia. É um jogo de linguagem que, contraditório, é impressionante e simples. O Teatro não necessita de grandes rebuscamentos. Um espaço, um homem que age nesse espaço, outro homem que olha, é tudo que se precisa para a cumplicidade, para a identificação. No vazio do palco, nascem volumes invisíveis, nascem vozes, pessoas, cores que se transmudam. Por alguns momentos, um pequeno espaço vazio se torna infinito.

"Hello, Boy" tem essa magia. Tem a clareza e a simplicidade necessárias para poder atingir todas as pessoas sem exceção, tocando os sentimentos mais puros, mais universais. É uma peça que traz a beleza do que é simples, do que é sincero.

Sei que é difícil a oportunidade de aprender tanto com uma experiência: "Hello Boy" é um sonho se realizando, é um grande passo, é uma lição. Vitor é meu primeiro personagem importante no teatro profissional e está sendo para mim, uma lição de alegria. Ele sabe viver intensamente a cada instante, não tem compromissos com o futuro e, por isso, faz o que quer quando sente vontade. Ele é pura energia e instinto. Ele se entrega à vida como eu espero um dia entregar-me ao trabalho de fazer teatro: sem regras, sem determinações, só com esse atirar-se, esse ganhar e perder, esse viver deslizando, sempre em frente, esse entregar-se ao perigo, ao risco, com quem ama, com quem canta, como quem ri, sem nem saber porque.

Renato Modesto

Elias,

A sua Olívia pra mim é só um gelo delicadamente feminino, como um desenho feito no espelho com batom carmim. É, de repente, a vida começando pelo fim, o som de não e sim escapando da boca no esboço de um sorriso. É um olhar demorado e atento na solidão da mulher.

Hello, Boy! é um quadro de luz e gestos pintados por homens que procuram saber da mulher o que ainda não sabem da própria vida.

Elias, só um grande ator faz uma mulher assim.

Um beijo do seu irmão na boca da sua Olívia.

Roberto Gil, Renato, Fernando, Vivien Domingos, Rosa, Caca, Luciana e Roberto Lage; a todos vocês um abraço pela beleza do quadro.

Elifas Andreato

São Paulo, 15 de março de 1986.

A vida é a constante situacional de toda experiência. Para o artista o conceito de morte não pode ser válido como limite emocional. A morte é o impensável, obstrato o seu conceito e sentido. Mas por outro lado é através da morte que a vida encontra sua verdadeira e autêntica dimensão, ou seja, "expor a própria vida mediante atos". E pôr a vida em jogo é desmistificá-la.

Portanto, se pressupõe uma moral da práxis - "Uma ética do ato". Essa ética é a destruição constante, sem a estabilidade conformada. O que Karl Jaspers chama "situações limites" nascer, crescer, morrer, considerando que qualquer concepção de viver é inevitavelmente biológica.

Mas, o viver em si também não é uma condição clara de limite e sim uma certa forma de vegetação. Pôr a própria vida em jogo é a única condição humana desafiante. É através deste desafio que a experiência limite encontra a sua própria metodologia e seus próprios valores de expressão: e isso vai implicar em se questionar a moral normatizada, a ética e a forma que foram consolidadas através de hábitos ancestrais da sociedade.

A situação limite como método de desenvolvimento um trabalho não deve ser um fim, mas sim, um meio que permita ao artista encontrar a si mesmo através dos outros.

Vamos encaminhar o projeto, não para a experiência, mas para os objetivos humanos que levam o indivíduo à mudança, à transgressão. A moral da destruição é acima de tudo uma consciência de troca.

A situação limite está baseada na realidade objetiva, mas é na deformação subjetiva dessa realidade que se encontra a possibilidade de se despertar sentimentos extremos.

O processo se desenvolve no plano qualitativo das emoções. A partir do momento que se estabelece uma comunicação sensorial entre ator-espectador, ele já não é dono de seus atos. Quando tentar uma análise do que está acontecendo e do que pessoalmente está sentindo, já é muito tarde. Vai estar num conflito onde atuam três elementos:

Psíquico/ Físico/ Moral. Vai descobrir por intuição que já não é um problema unicamente estético, teatral, ou pretensamente vanguardista, mas vai intuir que a experiência se transformou numa pergunta dirigida a ele mesmo, e que somente ele pode responder. E a pergunta deve estar sempre no plano ético.

Hello, Boy !

Teatro como ética é o que preocupa o projeto.

A base: O homem como ponto de partida e chegada de todas as coisas.

ROBERTO LAGE

Hello, Boy! Foi escrito em 1981. Tive vontade de escrever uma história de amor, achava a época e a fase que estava atravessando eram propícias para isso, e o texto saiu.

Minha idéia inicial era colocar um homem e uma mulher um na frente do outro, e contar o relacionamento deles, o envolvimento de um com o outro, até que se percebesse que uma separação seria impossível.

A idéia foi amadurecendo, as cenas foram surgindo na minha mente e fui dando forma aos personagens, até que pudesse senti-los, vê-los e ouvi-los, mentalmente. Quando terminei de escrever o texto, senti que a história tinha acabado mas os personagens continuavam vivos e, ainda, muita coisa poderia ser extraída deles.

Dos vários textos que escrevi para teatro, "Hello, Boy" foi o que fluiu mais rapidamente. A uma certa altura eu começava a ouvir a fala dos personagens na minha cabeça e era aquilo que eu tinha que escrever. Foi uma experiência de emoção, de entrega. Eu invejo a maneira como aqueles personagens se amam. Como disse, a idéia inicial era colocar homem e mulher, um na frente do outro, e deixar que as coisas acontecessem por si, naturalmente, como só acontece desde o início do mundo.

Ouvi muita gente me dizer, nesses 3 anos que a peça ficou em cartaz pelo interior, que peças assim que eu deveria continuar escrevendo. É difícil ouvir isso, pois tenho outros planos com respeito à dramaturgia. Mas é válido as pessoas pensarem assim. Todas as vezes que assisto "Hello, Boy" acabo achando que elas têm razão. Gosto muito de "Hello, Boy" e acho que nunca conseguiria escrevê-lo de novo, com o mesmo emocional que estava sentindo na época.

Quando duas pessoas se encontram e se amam, nada mais em volta interessa. A única coisa que pode destruir isso é o destino. Vitor e Olívia são duas pessoas que se amparam mutuamente, tentando viver juntas, desesperadamente. A pureza do rapaz querendo conquistar uma mulher madura, que a princípio julga ser uma relação impossível, mas depois acaba se entregando a ele; o amor sem posse, sem ciúme, sem destruição; o amor bonito, correspondente, que trava luta só (só?) contra o destino, contra a morte; a necessidade de se valorizar as coisas pequenas, íntimas, domésticas; os gestos minúsculos - que definem tudo; a maneira de olhar, o tom de fala, o recuo nas decisões na hora exata, o apelo ao semelhante, o afago, a dedicação no momento mais difícil... enfim, um pouco disso tudo é o que existe no relacionamento dos dois personagens da peça. E não é novidade. É uma coisa própria do ser humano, que nunca é demais mostrar no palco.

Acho que o público também precisa desse tipo de teatro para poder enxergar-se melhor e também aos outros; para poder se dar valor, para reconhecer certas coisas que o ser humano ainda possui, mas às vezes se esquece. Deve haver um espaço para se tratar do homem enquanto ser humano, dotado de sentimentos, emoções. Isso não muda nunca: os sentimentos se sobrepõe a tudo. Nem o pobre, nem o rico, nem o intelectual, ninguém. A solidão é o grande perigo que o ser humano corre. Lá no íntimo qualquer pessoa sabe disso.

ROBERTO GILL CAMARGO

"HELLO, BOY!"

de Roberto Gill Camargo

PERSONAGENS:

A professora (Olívia)

O aluno (Vitor)

AMBIENTAÇÃO:

- \* apartamento da professora
  - \* sala de aula
  - \* sala dos professores
  - \* corredor da escola
  - \* pátio da escola
  - \* quadra de esportes, ginástica
  - \* biblioteca
  - \* sala de ping-pong
  - \* casa dos avós
  - \* cinema
  - \* igreja
  - \* alto da colina de onde se enxerga a cidade toda
- etc.

Os cenários podem ser separados por focos de luz. Como o mesmo cenário nem sempre se repete, os mesmos focos podem ser reutilizados várias vezes. É importante a precisão da luz no acompanhamento dos atores. A música deve ser nostálgica (rock dos anos 60 ou músicas populares que se cantam nas escolas de inglês).

Hello, Boy !

## "HELLO, BOY!"

(NA CLASSE. A professora está fazendo chamada. Os alunos são invisíveis)

PROFESSORA

Number one

Number two

Number three

Number four

Number five

Number six

Number seven

Number eight

Number nine... (Pausa) Number nine...

(Foco de luz no aluno)

ALUNO (levantando o braço)

Number nine. É você que vai dar aula prá gente de agora em diante?

PROFESSORA

Hã- hã.

ALUNO

Tem uma boa pronúncia.

PROFESSORA

Obrigada.

ALUNO

Meu nome é Vitor.

PROFESSORA

Muito prazer.

ALUNO

Quer que eu apague a lousa prá você?

PROFESSORA

Se puder fazer esse favor...

(Continua a chamada. O aluno apaga a lousa)

Number ten

Number eleven

Number twelve

Number thirteen

(NO CORREDOR, após a aula)

ALUNO (para alguém invisível)

O que você achou da aula dela? Até agora, de todas as professoras, foi a que eu mais gostei. Ela consegue prender a atenção da gente.

(A professora vem se aproximando)

ALUNO

Olhe! Ela está vindo aí! Gostei da sua aula, professora.

PROFESSORA (continua andando)

Obrigada.

ALUNO (interrompendo-a)

O que está achando da nossa escola?

PROFESSORA

Muito boa, é uma das melhores.

ALUNO

E a nossa classe?

PROFESSORA

Também, apesar da pronúncia.

ALUNO

Quer que eu leve esses livros prá você?

PROFESSORA

É, estão pesados, se você puder fazer esse favor...

ALUNO

Claro, não custa nada, terei um imenso prazer.

(NA CLASSE, no dia seguinte. O Aluno tropeça na sala e cai, derrubando o material)

PROFESSORA

Número 9, você se machucou?

ALUNO

Não, não foi nada. (Envergonhado) Não se preocupe.

PROFESSORA

Erga o seu material, vamos!

ALUNO

Ah, sim, claro. (Ergue os cadernos)

PROFESSORA

Da próxima vez tome mais cuidado.

ALUNO

Eu não reparei no degrau, eles devem ter passado cêra.

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Hello, Boy !

PROFESSORA (vendo o lápis no chão)

O lápis.

ALUNO (meio atrapalhado)

Ah, o lápis. (Ergue-o)

PROFESSORA

Vá para o seu lugar.

ALUNO

Tá ok, eu estou indo.

(NA SALA DOS PROFESSORES, mais tarde)

PROFESSORA (falando com uma professora invisível)

Mirtes, você quer uma carona? Eu já estou de saída. (Abre o armário e se depara com uma caixa de bombons) Mirtes, foi você que deixou esses bombons aqui? Então quem foi? Aqui, no meu armário. Ah, esses alunos... ainda vou descobrir quem foi.

(NO CORREDOR, no dia seguinte. A professora e o aluno dão de encontro. Ela deixa cair uns discos)

ALUNO

Desculpa, eu não vi.

PROFESSORA

Não foi nada.

(Os dois se abaixam e começam a pegar os discos. De repente se olham e riem.)

PROFESSORA

Você não vai entrar em aula?

ALUNO

Hã-hã.

PROFESSORA

E o que está fazendo por aqui?

ALUNO

Quer que eu leve os discos?

PROFESSORA

É muita gentileza da sua parte, mas não precisa, eu mesma levo.

ALUNO

Teremos aula com música hoje?

(Os dois começam a andar, em direção à classe)

ALUNO

Se quiser posso instalar a vitrola prá você.

PROFESSORA

Obrigada, seria um grande favor.

ALUNO

Que tipo de som você trouxe? Música de embalo?

PROFESSORA

Quando chegar a hora você saberá.

ALUNO

Gosto de música romântica e você?

(NA SALA DOS PROFESSORES, mais tarde)

PROFESSORA

Obrigada, seu café estava ótimo. (Põe a xícara na bandeja)

ALUNO (surge na porta)

Dá licença.

PROFESSORA

Pois não, o que é?

ALUNO

Está servida tomar coca?

PROFESSORA

Obrigada, acabei de tomar café.

ALUNO (mostra um livro)

ALUNO

Você deixou este livro na classe.

PROFESSORA

Oh, que cabeça a minha! Pode deixar em cima da mesa.

ALUNO

Sua aula está cada vez melhor.

PROFESSORA

Obrigada.

ALUNO

Nós teremos jogo esta tarde, você vai assistir?

PROFESSORA

Infelizmente não posso, tenho uns trabalhos a corrigir.

ALUNO

É uma pena. Nossa classe gostaria que você fosse.

PROFESSORA

Talvez outro dia, quem sabe.

Hello, Boy !

ALUNO

Mas você vai participar da gincana!?

PROFESSORA

Da gincana sim.

ALUNO

Antes que eu me esqueça: mandaram dizer que você escolhe muito bem as músicas.

PROFESSORA

Quem foi que disse?

ALUNO (saindo)

Não posso falar quem foi. Pediram que eu não contasse.

(NA CLASSE, outro dia)

PROFESSORA (levantando-se da mesa)

Eu gostaria de saber quem foi que escreveu essas coisas a meu respeito (mostra um bilhete) que se levante e confesse!

ALUNO (ergue o braço)

Com licença, professora, eu queria esclarecer uma coisa.

PROFESSORA

Vamos encerrar de uma vez esse assunto, essas brincadeiras, antes que acabe chegando ao conhecimento do diretor.

ALUNO

Mandaram passar o bilhete, professora, não fui eu.

[FALTA A PÁGINA 6]

- pessoal dos outros, mas vocês não se contentam enquanto não atingem o fundo do poço!  
(Vai saindo da biblioteca)

ALUNO

Eu sei que você ficou chateada com aquela história de eu te dar um beijo na boca sem mais nem menos...

PROFESSORA

Não foi um beijo diretamente na boca.

ALUNO

Diretamente não, mas quase.

PROFESSORA

Ridículo.

ALUNO

Era uma tarefa da gincana! O que eu podia fazer?

PROFESSORA

Ah, sim! Um ato involuntário.

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

ALUNO

Não é bem isso. Foi um beijo de caráter beneficente.

PROFESSORA

Eu nunca passei por uma situação tão ridícula! Por sua causa!

ALUNO

Eu também passei por ridículo, nós dois.

PROFESSORA

O que você e seus companheiros fizeram é uma coisa que não pode se repetir em hipótese alguma! Nunca! Agora o sr. me dá licença que eu vou entrar na minha sala! (Entra e bate-lhe a porta na cara)

ALUNO (à porta)

Espera! Você gostou dos bombons que eu lhe trouxe? Está bem. Não vou mais assistir sua aula!

PROFESSORA (abre a porta)

Não faz a menor diferença.

ALUNO

Eu quero que me escute.

PROFESSORA

Escutar o que mocinho? Volte para sua classe.

ALUNO

Eu vim pessoalmente dar uma explicação do que aconteceu e não assistirei sua aula enquanto não entrarmos num acordo.

PROFESSORA

Ok. Você me espera na saída e nós conversaremos.

ALUNO

Não.

PROFESSORA

Vamos por parte, mocinho. Você sabe com quem está falando?

ALUNO

Sei. Com uma pessoa educada e inteligente prá não me bater a porta na cara como acabou de fazer.

PROFESSORA

Você vai assistir minha aula?

ALUNO

Por quê?

PROFESSORA

Não responda com outra pergunta. Vai ou não vai?

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Hello, Boy !

ALUNO

Está bem. Depois da aula a gente conversa.

(NA CLASSE, mais tarde)

PROFESSORA

Good morning! Open your books on page seventy-nine. Number nine, stand up, please!

ALUNO

Eu leio sentado mesmo, professora.

PROFESSORA

Stand up, number nine!

ALUNO

Está bem. (Levanta-se)

PROFESSORA

I will read first and you will read after me, ok?

ALUNO

Ok.

PROFESSORA (lendo)

Is there any cheese on that plate?

ALUNO

Is there any cheese on that plate?

PROFESSORA

Yes, there is some cheese on that plate.

ALUNO

Yes, there is some cheese on that plate.

PROFESSORA

Is there any spaghetti on that plate?

ALUNO

Is there any spaghetti on that plate?

PROFESSORA

No, there is no spaghetti on that plate.

ALUNO

No, there is no spaghetti on that plate.

PROFESSORA

Is there a potato on that plate?

ALUNO

Is there a potato on that plate?

PROFESSORA

Yes, there is a potato on that plate.

(O aluno começa a sentir-se mal, respirando com dificuldade. Tenta disfarçar, mas os colegas começam a perceber)

PROFESSORA

Repeat! There is - a - potato- on - that plate. Number nine! What's the matter? What's the matter? Você não está se sentindo bem?

( A luz cai em resistência)

(NA SALA DOS PROFESSORES. A professora pega uma corbeille e lê o cartão)

PROFESSORA

"Prezada professora: desculpe se eu resolvi perfumar sua vida com cravos e rosas, mas foi a maneira mais ecológica que encontrei para expressar minha admiração por você. Que a sua presença nesta escola traga muita alegria a todos. Seu aluno, Vitor."

(NO PÁTIO, simultaneamente: o aluno está jogando ping-pong com o colega)

ALUNO

Não sei se vou continuar estudando no próximo ano. Talvez eu comece cursinho prá engenharia, sei lá, nunca se sabe.

(NA SALA DOS PROFESSORES)

PROFESSORA

Por favor, Mirtes, se você encontrá-lo dê este recado: que antes de bater o sinal eu gostaria que ele viesse até aqui um instante.

(NO PÁTIO)

ALUNO

Eu acho que ela tirou carta há pouco tempo. Dirige mal que vou te contar! Não sabe nem estacionar direito. (Pausa) tenho que ir agora, te vejo amanhã na física. (Sai)

(NA SALA DOS PROFESSORES)

ALUNO

Você mandou me chamar?

PROFESSORA

Ah, sim! Quero agradecer pelas flores.

ALUNO

Que isso.

PROFESSORA

Gostei do ecológico.

ALUNO

Ainda bem.

PROFESSORA (pega um botão de rosa)

Hello, Boy !

Tome. Este botão de rosa você leva prá sua mãe. Diz que eu mande especialmente.

ALUNO

Sinto muito, mas eu não tenho mãe.

PROFESSORA

Eu não sabia.

ALUNO

Moro com meus avós.

PROFESSORA

E o seu pai?

ALUNO

Eles se separam quando eu tinha 4 anos.

PROFESSORA

Entendo. Era só isso, você foi muito gentil. Outra hora nós conversaremos com mais calma, tá bem? (Faz menção de sair)

ALUNO

Por que não pode ser hoje mesmo?

PROFESSORA (Vai saindo)

Você é quem sabe. Mas não esqueça que vocês têm prova a semana inteira.

ALUNO (à distância)

Às 4 e meia, tá ok? Tenho um disco de jazz em casa e vou levar prá você ouvir.

(NA CLASSE, pouco depois)

PROFESSORA

Como eu estava falando na aula passada, essa terminação se aplica na maioria dos casos, como por exemplo: fox, foxes, box, boxes, etc.

(DA JANELA)

ALUNO

Maurício! Responde presença prá mim que eu acho que vou matar a última aula. Quem perguntar diz que eu estou no centro cívico. Pega o material e joga pela janela que o inspetor vem vindo!

(NA CLASSE)

PROFESSORA

Na próxima aula começaremos com o verbo "to be ". Por hoje é só. Arrumem suas coisas e podem sair. (Sai)

(NA CASA DOS AVÓS)

ALUNO (entra e procura o avô e a avó)

Vó! Vó! Onde é que você está, vó?! Não tem ninguém em casa? (Nota a presença súbita do avô) Oi, vô. Nosso time ganhou de 5 a zero hoje. (Preocupado) Quê foi, vô? O médico disse

alguma coisa? Fala, vô! (Corre para a avó) Vô! (Preocupado) Que foi que o médico disse? Vocês estão escondendo alguma coisa de mim? (Pausa) Como? Não, vô. (Corre ao quarto e bate a porta) Por favor, eu quero ficar sozinho no meu quarto, me deixem em paz! Eu não vou mais pôr isso na boca, está ouvindo? (Observa os olhos na frente do espelho) Droga! Esse médico não entende nada... Voltou tudo!

(NA CASA DA PROFESSORA, à tarde. Ela entra, começa a se arrumar diante do espelho e a cantar baixinho, meio declamado, uma daquelas músicas que costuma levar na classe)

PROFESSORA

"Not a shirt on my bag  
not a penny into my name  
Lord I can't go home this way...  
You can hear  
the whistle blown  
five hundred miles..."

(O aluno entra, segurando o capacete da moto e um disco. Toca a campainha)

PROFESSORA (ansiedade)

Quem é?

ALUNO

É o Vitor.

PROFESSORA

Um momento, Vitor, já vou. (Termina de se pintar rapidamente, recolhe algumas coisas que estão fora do lugar; preocupada, resmunga umas coisas em inglês) My God! Ele é muito novo. He's just a boy... (Abre a porta)

ALUNO

Oi. São 4 e meia em ponto.

PROFESSORA

Puxa! Pontualidade britânica! Entre.

ALUNO (Entra)

Eu trouxe o disco de jazz. (Entrega)

PROFESSORA (pega o disco)

Ah, que bom.

ALUNO

Você mora sozinha aqui? (Olha para todos os lados)

PROFESSORA

Hã-hã. Fique à vontade. (Vai guardar o disco e volta)

ALUNO (Observando-a)

Puxa!

Hello, Boy !

PROFESSORA

Obrigada.

ALUNO (depois de um breve silêncio)

Que tal se pegássemos um cinema? Você gosta?

PROFESSORA (um tempo e decide)

Você é quem sabe.

ALUNO (consultando o relógio)

Dá tempo de pegarmos a sessão das 5, vamos?

PROFESSORA

Ok.

(NO CINEMA, um pouco mais tarde. O Aluno lentamente vai se aproximando, até tocar a mão no ombro dela. Efeitos de luz e som podem ser usados para sugerir o clima - de estar dentro de um cinema.)

(NA CASA DA PROFESSORA, tarde da noite)

PROFESSORA

Tchau, Vitor.

ALUNO

Não, mais um pouco.

PROFESSORA

Tchau, Vitor!

ALUNO

Mais um minuto apenas.

PROFESSORA

Vitor! Tchau, eu disse.

ALUNO

Você está com muito-muito sono?

PROFESSORA

Amanhã você tem que levantar cedo. Quer dizer, nós temos. São quase onze e meia.

ALUNO

Tá ok. Se a minha companhia não está agradando... (Põe o capacete e sai) Tchau.

PROFESSORA (fechando a porta)

Ufa! (À parte) É completamente doido!

(O aluno volta, toca a campainha)

PROFESSORA

Ah, não! (Abre a porta) Que foi? Esqueceu alguma coisa?

ALUNO

As minhas luvas. (Pega-as) (Faz menção de sair)

PROFESSORA

Vitor! (Detém-no) Eu quero que você saiba que... eu aceitei seu convite, fui ao cinema com você... porque somos bons amigos. Somente bons amigos.

ALUNO

Claro. Por quê? Você está com medo dos comentários?

PROFESSORA (hesita um pouco)

Também.

ALUNO

Por que você é professora?

PROFESSORA

Hã-hã.

ALUNO

Porque é mais velha?

PROFESSORA

Também. (Pausa) Agora, vamos. Feche esse peito que está ventando muito lá fora. (Abotoa o blusão dele) Cuidado com a moto, não corra. (Nota algo estranho no peito dele) Quê isso, Vitor? Você deve ter se cortado, está saindo sangue...

ALUNO

Onde? Não, não foi nada. (Atrapalhado)

PROFESSORA (nota umas manchas no pescoço)

Vitor, o que é isso? Onde é que você vai?

(O aluno corre em direção ao banheiro e se tranca lá dentro. Tira uns band-aids do bolso e aplica no peito e em volta do pescoço, tentando encobrir alguns gânglios).

(NO SONHO. Sirene de ambulância. A professora está com um véu roxo na cabeça. Ouvem-se os sinos da igreja tocando doze vezes. O aluno está pendurado no alto, vestido de preto da cabeça aos pés e com sondas aplicadas no corpo, como se estivesse fazendo inúmeras transfusões de sangue.)

PROFESSORA

Está bem, Mirtes, convoque todo o corpo docente da escola para uma reunião imediatamente e procure abafar o caso. (Para os alunos aglomerados no pátio) Por favor, façam silêncio que teremos aula normalmente. O que aconteceu foi um acidente, mas está tudo em ordem, voltem para seus lugares!

(A professora sente estar sendo perseguida por alguém, no escuro)

PROFESSORA

Quem está aí? Tem alguém na biblioteca? Estranho... estou ouvindo uns passos... Não, o dicionário não! Por favor, o dicionário não! (Sente que está sendo estrangulada) Não, Jack!

(PLANO REAL. CLASSE, dia seguinte)

Hello, Boy !

PROFESSORA (termina de escrever algo na lousa)

Muito bem, agora prestem atenção: Is it a box? No, it's a ruler. (Faz sinal para o aluno, que está fora da classe) Um momento. (Para a classe) It's a bird. Ok? It's a bird. Façam silêncio um instante, que eu já volto. (Abre a porta)

ALUNO

Bom dia.

PROFESSORA

Bom dia.

ALUNO

Passei aqui prá contar que... eu sonhei com você esta noite.

PROFESSORA

Ah, não! Eu estou dando aula, Vitor.

ALUNO

Prá falar a verdade foi um pesadelo. Eu era Jack, o extirpador e queria que você engolisse um dicionário. Depois eu te levei à biblioteca e quase te estrangulei... Foi um pesadelo, é claro.

PROFESSORA

Entendo. Você não vai entrar em aula?

ALUNO

Não. Quer dizer, vou. Isto é... eu te espero na saída.

PROFESSORA

Nós já conversamos sobre isso, Vitor. Não! Ponha isso na sua cabeça! (Bate a porta e entra na classe)

ALUNO (pelo lado de fora)

Você vai se arrepender disso! (Dá um chute na porta e sai).

PROFESSORA (à parte)

Estúpido! (Para a classe) Voltemos aos nossos exemplos. It's a wonderful bird! Bird! Bird!  
Oclusiva alveolar sonora! (Apaga a lousa)

(NO ESTACIONAMENTO)

ALUNO

Maurício, vem cá! Você sabe quem é o dono deste carro? O que você acha da gente furar o pneu?

(NA CLASSE)

PROFESSORA

Amanhã nós continuaremos com mais exercícios deste tipo até vocês aprenderem bem. (Arruma suas coisas para sair) Afinal de contas todos vocês sabem que a pronúncia é uma das coisas mais importantes da nossa maravilhosa língua inglesa! (Sai)

(NO CONSULTÓRIO MÉDICO)

ALUNO

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Posso continuar praticando natação, doutor? Puxa, ainda bem, teremos competição entre as escolas e eu estou pensando em participar. Você acabou de dizer que não era coisa grave, doutor. Por que está pedindo que eu faça outro exame? Diga, pode dizer! Hoje mesmo apareceu mais uma mancha na minha perna. Mas eu devo ter machucado na física, né doutor?

(NO ESTACIONAMENTO)

PROFESSORA

Mirtes, venha cá? Furaram o pneu do meu carro, Mirtes! É o cúmulo esse bando de vândalos. Ah, mas eu já sei quem foi, Mirtes. Desta vez ele foi audacioso ao extremo. Pois amanhã nós veremos.

(NA SALA DOS PROFESSORES, dia seguinte. O aluno entra)

ALUNO

Good morning.

PROFESSORA

Entre e feche a porta.

ALUNO

Se for sobre o vocabulário eu não aprontei ainda.

PROFESSORA

Isso nós resolveremos depois, quando estivermos em classe. Agora é sobre outro assunto. Foi ou não foi você?

ALUNO (cínico)

O quê?

PROFESSORA

Você sabe muito bem do que eu estou falando. Escute aqui, seu... adolescente! Seu Jack extirpador de pneu do carro dos outros... Você não acha que está bem grandinho prá fazer essas brincadeiras de mau gosto? Como furar o pneu do meu carro? Pois saiba que até ontem eu fazia outro conceito do sr. Mas agora mudou completamente.

ALUNO (vai sair)

Dá licença.

PROFESSORA (interrompe-o)

Não! O sr. fica! O sr. sabe que eu posso levar ao conhecimento da direção e você pode ser expulso da escola? Sabe? Você não tinha o direito de fazer o que fez!

ALUNO

E você não tinha o direito de me bater a porta na cara pela segunda vez!

PROFESSORA

Tinha! Você estava me atrapalhando, tomando meu tempo, tirando a concentração da aula!

ALUNO

Vocês professores sempre querem ficar com a razão!

PROFESSORA

Hello, Boy !

Não levante a voz para mim! Seu... motoqueirinho! (Pausa) Ponha-se no seu lugar. Você é aluno, eu não sou. Você tem 17 anos, eu tenho quase o dobro. Não vamos mais confundir as coisas. (Abre a porta) Até logo.

(O aluno sai da sala, dá um tempo e começa a falar alto no corredor, para que ela ouça)

ALUNO

Dê graças a Deus de eu não ter furado os 4 pneus! Era o que eu devia ter feito, prá derreter esse gelo que está dentro de você! Essa pedra, esse iceberg disfarçado de gente!

Eu pensei que você fosse alguma coisa a mais, além do que é... Além de ficar aí dentro, trancada no meio desse monte de complexos... Porque você é feia, você é velha. Porque você já passou dos 17, dos 27, dos 37 e vai passar também dos 47. E vai ficar aí o resto da vida tentando disfarçar as rugas do rosto e falando prá todo mundo: good morning, good afternoon... goo-bye... até quando?

Pois eu vou ficar aqui, gritando até você me ouvir!

Será possível que você é cega?

Será possível que você não me enxerga?

(A professora sai de dentro da sala e vai se aproximando dele. Foco nos dois)

PROFESSORA

Você foi ao médico?

ALUNO

Hã-hã.

PROFESSORA

E ele?

ALUNO

Mandou voltar... prá fazer outro exame.

PROFESSORA

Eu... vou furar o pneu da sua moto.

(Luz)

(NA CASA DA PROFESSORA, dias depois. O aluno toca a campainha insistentemente)

PROFESSORA (abrindo a porta)

Vitor, você acorda o prédio inteiro desse jeito!

ALUNO (Entrega um pacote a ela)

Trouxe um presente. Abra e veja se gosta.

PROFESSORA (abrindo-o)

Você com essa mania de me fazer surpresas. Ainda se fosse um pacote mais discreto, mas não. O que será que deve ser isto?

ALUNO

Gostou?

PROFESSORA

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Um cachorro de pelúcia, mas é enorme, você deve ter pago uma fortuna!

ALUNO

Gostou mesmo? O nome dele é Mohamed Ali.

PROFESSORA

Gostei, é bastante sugestivo.

ALUNO

Tem mais uma coisa que você ainda não viu.

PROFESSORA

Vitor, você está moendo todo seu dinheiro!

ALUNO

Venha, eu estou te esperando no carro.

PROFESSORA

Mas aonde você está querendo me levar a esta hora?

ALUNO

Não importa. Venha que você verá.

(NO RESTAURANTE, um pouco mais tarde)

PROFESSORA

Vitor, eu não sabia que você ia me trazer no restaurante, olhe como estou vestida!

ALUNO (falando ao garçom)

Garçom, pode me trazer: supremo de frango à cubana, lombo assado, ravioli ao molho branco, farofa, filé de coelho à caçadora, petit pois, batatas frita e... ovos de codorna!

PROFESSORA

Vitor, é muita coisa, nós não vamos comer tudo isso. Não, garçom.

ALUNO

Pode me trazer também um champagne, suco de pêsego natural e dois guaraná.

PROFESSORA

Você não pode tomar álcool. Só os dois guaraná, garçom.

ALUNO

Mande tocar uma música romântica, porque nós queremos dançar.

PROFESSORA

Você não vai me fazer passar ridículo perto dos outros. Olhe minha cara como está!

ALUNO (levanta-se da mesa e tira a professora para dançar)

Nós estamos felizes e é o que importa neste instante.

(Toca "Stela by Starlight", orquestrada)

ALUNO (dançando)

Você não tem medo de se apaixonar por um aluno?

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Hello, Boy !

PROFESSORA

É difícil responder a essa pergunta, mas acho que nessas alturas já perdi o medo de tudo.

ALUNO

Sabe que não consigo mais pensar em outra coisa a não ser em você?

PROFESSORA

Tenho impressão que estou começando a perceber isso.

ALUNO

Algum aluno já disse isso a você ou é a primeira vez?

PROFESSORA

Tão forte e intensamente é a primeira vez.

ALUNO

Tão forte, intensamente e convictamente eu tenho a dizer que pela primeira vez na minha vida eu estou gostando de alguém. E você?

PROFESSORA

Não sei ainda. Você não me deixa pensar direito.

ALUNO

Você sente alguma coisa mais profunda por mim?

PROFESSORA

Essa foi a pergunta mais absurda desta noite. Se eu estou aqui, nos braços de um maluco de 17 anos, é porque eu sinto alguma coisa por ele.

ALUNO

Você me considera um maluco? Não sabia que tinha esse conceito de mim.

PROFESSORA

É a pior loucura do mundo: a escola inteira já está sabendo de nós dois. (A música encobre as últimas falas).

(NO APARTAMENTO DA PROFESSORA)

ALUNO (chegando à porta do quarto dela)

Posso entrar?

PROFESSORA

Você não foi se deitar ainda?

ALUNO

Não estou com sono. Queria conversar mais um pouco com você. Gostou do jantar?

PROFESSORA

Hã-hã.

ALUNO

Que livro você está lendo?

PROFESSORA (Fecha o livro e mostra a capa)

Um romance. "Por quem os sinos dobram", de Hemingway.

ALUNO

Está gostando?

PROFESSORA

Hã-hã.

(Breve silêncio. O aluno faz menção de soltar a fivela da calça)

PROFESSORA (interrompe-o)

Hã-hã. Vá se deitar. Amanhã nos veremos.

ALUNO

Eu só...

PROFESSORA

Vitor!

(O aluno fica meio desapontado, sai, entra no outro quarto e bate a porta com violência. Um tempo e começa se masturbar. No outro quarto, a professora lê em voz baixa, deixando transparecer uma excitação cada vez maior).

PROFESSORA (lendo)

"Nenhum homem é uma ilha isolada. Cada homem é uma partícula do continente, uma parte da terra. Se um torrão de terra for arrastado para o mar, a Europa fica diminuída, como se fosse um promontório, como se fosse solar dos teus companheiros ou o teu próprio. A morte de cada ser humano me diminui porque sou parte do gênero humano e por isso não me perguntes por quem os sinos dobram... eles dobram por ti."

(Fecha o livro e caminha em direção ao quarto dele. Entra.)

PROFESSORA

Com licença.

(Um breve confronto de olhares. Volta a tocar a mesma música do baile.)

(NA CASA DOS AVÓS, numa manhã qualquer)

ALUNO (senta-se à mesa para tomar café)

Nada como acordar de manhã e sentir que existe vida, que existe mais um dia pela frente!

Ah, vó! Se você soubesse! Se você soubesse como tudo modificou desde que ela entrou na escola. Acho até que melhorei, sabe vó?

Melhorei mesmo!

Nem sei se devo continuar acreditando no que esses médicos dizem. Não sei mesmo!

Sabe, vó, às vezes, eu penso que tudo está se acabando e me dá um medo por dentro, vó!

Será que isso acontece com todo mundo?

Sei lá, não vó?

Ontem, o professor de biologia estava explicando que existem milhares de células no corpo humano que vão sendo debilitadas com o tempo. Algumas pessoas não resistem às doenças e

Hello, Boy !

as células se destroem.

Eu li numa reportagem, sabe vó, que no ano 2000 aumentará 50% a probabilidade de morte por contaminação...

(Luz)

(NA FRENTE DO PRÉDIO, onde mora a professora. O aluno estaciona a moto e começa a gritar para uma janela no 7º andar)

ALUNO (aos gritos)

Olívia!

PROFESSORA (à parte)

Não! Será possível que é ele? (Abre a janela do 7º)

ALUNO

Olívia! Eu estou aqui!

PROFESSORA

Quê isso, Vitor, você está dando escândalo!

ALUNO

Desça, prá dar uma volta de moto.

PROFESSORA

Não! Suba você aqui, pare de gritar feito louco.

ALUNO

Eu vou ficar te esperando, desça!

PROFESSORA (à parte)

Ah! Que loucura, o prédio inteiro ficou sabendo! (No interfone) Alô, seu Nestor, faça um favor: avise esse rapaz que está gritando aí embaixo prá ele subir aqui no 7º. Obrigada. (desliga)

ALUNO

Hei! Olívia Newton John! Don't leave me now! (Canta) If you leave me now...

PROFESSORA

Pare de gritar, Vitor! Pare!

ALUNO

Então diga que você me ama!

PROFESSORA

Eu te amo, tá ok.

ALUNO

Em inglês! Com bastante eco!

PROFESSORA

I love youuuuuuuuuuuuu!

ALUNO

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Pega este beijo meu!

(Atira um beijo para o alto e aos poucos vai se sentindo meio atordoado, derruba o capacete no chão).

(CONVERSA POR TELEFONE)

PROFESSORA

Pronto! Quem está falando?

ALUNO (mudando a voz)

Aqui é o Jack estripador.

PROFESSORA

Vitor! Isto é hora de telefonar?

ALUNO

Você já estava dormindo?

PROFESSORA

Não, mas já estava quase indo.

ALUNO

Então desculpa, tchau.

PROFESSORA

Não! Agora já ligou, fale.

ALUNO

Eu estou pensando numa coisa.

PROFESSORA

O quê? Fale.

ALUNO

Acho que eu vou te pedir em casamento, você aceita?

PROFESSORA

Aceito, amanhã nós casamos. Eu tenho que acordar às 7 e meia, Vitor.

ALUNO

Você aceita mesmo?

PROFESSORA

Aceito. Agora desligue que é tarde.

ALUNO

Eu vou me aprontar e já chego aí prá conversarmos melhor.

PROFESSORA

Não, senhor. Vitor, pare de ficar com essas idéias malucas na cabeça e trate de ir dormir.

ALUNO

Eu sabia que você ia dizer isso. Ah! Eu me esqueci dos seus complexos! Pois fique com eles!

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Hello, Boy !

(Bate o telefone)

PROFESSORA

Vitor? Alô? (Desliga)

ALUNO (falando para o aparelho desligado)

Com os complexos, solteira e corrigindo provas! E não adianta tocar de novo que eu não vou atender.

(Toca o telefone)

ALUNO

Alô!

PROFESSORA

Vitor, escute.

ALUNO (fingindo não conhecer a voz)

Com quem estou falando?

PROFESSORA

Não bata mais o telefone. Desculpe.

ALUNO

Não vamos mais tocar nesse assunto.

PROFESSORA

E se eu disser que eu aceito?

ALUNO

Eu vou pensar no caso.

PROFESSORA

Eu vou pensar no caso.

PROFESSORA

Mas não agora, é claro. Nós precisamos nos conhecer melhor.

ALUNO

Façamos uma coisa. Eu lhe dou um prazo de... digamos... 48 hs.

(NA CASA DOS AVÓS, outro dia)

ALUNO (mostra)

Este é meu avô e esta é minha avó.

PROFESSORA

Prazer, ele fala muito bem de vocês.

ALUNO (indo para a mesa)

Agora vamos sentar que o almoço está na mesa. Olívia, você senta aqui; o vô fica perto da vô... aqui, isso... e eu sento aqui.

PROFESSORA (para a avó)

O seu neto brinca muito na escola, mas é um bom aluno.

ALUNO

Se eu conseguir fechar em inglês ficará faltando só física e matemática.

PROFESSORA

Você consegue, é só querer.

ALUNO (para o avô)

Nós estamos pretendendo nos casar, vô, o que você acha disso?

PROFESSORA

Eu acho que seu avô tem razão, Vitor, quando diz que é muito cedo ainda para pensarmos nisso.

ALUNO

Os tempos mudaram, vô, vocês têm que admitir isso. Hoje em dia não faz mais sentido ficar discutindo diferença de idade.

PROFESSORA

Vitor, é um problema de gerações, você precisa entender, eles são bem mais velhos.

ALUNO

Quando existe amor, vô, todas as outras coisas ficam em segundo plano. (Para a professora) É isso que eu quero que eles entendam.

PROFESSORA (para os avós)

Eu também acho que ele é muito novo, que deve continuar estudando. Nós já conversamos bastante sobre isso, não é mesmo Vitor?

ALUNO

Ter o dobro da idade não significa nada, vó. (Para a professora) Será possível que eles não compreendem que eu já cresci, que eu já sou um homem?

PROFESSORA

O seu futuro também é importante, Vitor, é isso que eles estão querendo dizer.

ALUNO

Mas que futuro, vô? Eu não sei o que pode acontecer comigo daqui a pouco.

PROFESSORA

Não fale assim com sua avó, Vitor.

ALUNO

Eu quero que eles entendam...

PROFESSORA

Mas não precisa gritar, fale com calma!

ALUNO

Você também está dando razão a eles!

PROFESSORA

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Hello, Boy !

Por favor, vamos parar de uma vez com essa discussão. (Pausa) Desculpe. O problema aqui sou eu, sinto muito.

ALUNO

Não é você! (Para o avô) Está vendo vô? (Para a professora) Não é você. O maior problema nesta casa é o Vitor. Mas talvez seja por pouco tempo. Com licença. (Levanta-se da mesa)

PROFESSORA (à distância)

Você não vai acabar de almoçar?

ALUNO

Não, eu já perdi o apetite.

PROFESSORA (aproxima-se dele)

Volte. Tenha calma, eles são seus avós.

ALUNO (para todos ouvirem)

Não adianta esconder de mim uma coisa que eu já sei, já estou cansado de saber. (Para a professora) Eles estão assim porque já sabem que mais cedo ou mais tarde... o Vitor vai embora. O problema não é idade.

PROFESSORA

Por que isso?

ALUNO

Porque não tem cura, não tem.

PROFESSORA

O que que não tem cura, Vitor?

ALUNO

Se você não sabe, eu estou com leucemia. (A professora leva um choque) É sim, vó, e eu vou fazer tudo o que eu quiser e ninguém vai me impedir. Eu estou cansado de ficar ouvindo aquelas palavras de conforto do médico, com aqueles remedinhos que não servem prá nada. A quimioterapia dele! 2 de 6 em 6 horas, não sei o quê de 4 em 4 horas, 1 vez por semana, 2 vezes por dia, antes do almoço, depois da janta, a troco de quê? Eu sei de mim, eu me conheço, vô. A única coisa que eu quero que vocês entendam é que o meu maior desejo é viver, é respirar! É continuar respirando! Quando eu acordo de manhã, abro a janela e gosto de respirar, respirar...

(luz)

(NA CLASSE. Ouve-se uma música de Bob Dylan).

PROFESSORA

Esta música que está tocando é de um compositor norte-americano chamado Bob Dylan.

Seria interessante que estudássemos a letra em classe, pena que estamos quase em cima da hora.

Bob Dylan é um dos meus compositores prediletos e eu... espero que vocês tenham gostado.

Na próxima semana teremos tradução com consulta e depois uma recapitulação de tudo o que foi visto até agora.

Os exames estão chegando e acho bom irem pensando nisso, ok? Bom fim de semana a todos e até 2ª feira, se Deus quiser...

(NA SALA DOS PROFESSORES)

ALUNO (entra)

Hello, teacher!

PROFESSORA (percebendo nele um desânimo)

Fale. O que que há? Por que não assistiu aula hoje?

ALUNO

Porque eu saí dar uns giros de moto. Fui ver os aviões no aeroporto.

PROFESSORA

Está com vontade de voar?

ALUNO

Se eu pudesse... daria a volta ao mundo em 80 dias.

PROFESSORA

"O pessimista"! Aceita um café?

ALUNO

Não, obrigado. Olívia... tenho que te falar umas coisas.

PROFESSORA (referindo-se ao café)

Foi passado agora, você não quer? Fale.

ALUNO

Eu... desisti.

PROFESSORA

Desistiu do quê?

ALUNO

De estudar. Eu não vou mais continuar estudando, acho melhor não.

PROFESSORA

Por que essa decisão repentina? Até ontem...

ALUNO (corta)

Até ontem sim, mas estive pensando muito, eu vou desistir. Não vejo sentido em ficar vindo aqui todo dia. Quero um pouco de distância, pelo menos até...

PROFESSORA

Pelo menos até...

ALUNO

Sei lá, até... não sei! As coisas estão indo assim de uma maneira...

PROFESSORA (suspira)

Ah! Tá ok.

Hello, Boy !

ALUNO

Tem outro assunto, também. Sobre eu e você. Eu não devia ter falado tudo aquilo...

PROFESSORA

Mas é claro que devia, Vitor!

ALUNO (corta quase não deixando ela falar)

Não estou precisando que ninguém tenha pena de mim.

PROFESSORA

Vitor! Eu sei que você tem sentimentos, mas às vezes você se esquece dos outros.

ALUNO

Eu penso no que é melhor tanto prá mim como prá você.

PROFESSORA

Não! Você não pensou nem um pouco em mim. Por que esse egoísmo? Essa derrota?

Agora você já está querendo se fazer de vítima!

Vou abandonar a escola, vou cortar minha vida pelo meio, vou ficar sentado esperando que as coisas aconteçam!

Quanto fatalismo, você não acha?

E sai com essa moto prá cima e prá baixo, em busca de aventuras, de aviões, de não sei mais o quê, de pensamentos suicidas de se atirar no primeiro poste que achar.

Vitor, eu não estou tentando negar as evidências. O que é óbvio não me interessa.

"O homem é mortal" é um axioma, não vamos discutir. Só que não podemos nos esquecer que temos um compromisso antes disso: é viver.

Eu quero viver! Vitor, essa é uma coisa que tem que estar aí dentro de você. Ande um passo e diga: eu quero viver! Vi-ver!

(NO APARTAMENTO. O aluno está pintando as paredes da sala. A professora entra, carregando alguns pacotes)

PROFESSORA (entra e fecha a porta)

Faz tempo que você chegou? Eu trouxe umas coisas... (Assusta-se com a desordem que está na sala) Uhh! Vitor, quê isso? Você ficou louco? Quem mandou você pintar a parede?

ALUNO

Eu mesmo decidi. Essa cor é um pouco mais alegre.

PROFESSORA

Que loucura! Eu sei que é mais alegre, mas você devia me consultar primeiro, prá saber se eu gosto ou não gosto.

ALUNO

Não encoste que não está bem seca ainda. Falta pintar o quarto e a cozinha.

PROFESSORA

Você fez uma anarquia terrível, onde é que está o lustre da sala?

ALUNO

Tirei porque vou colocar outro mais bonito. Está dentro da caixa, falta só instalar.

PROFESSORA

Pelo visto você está querendo destruir meu apartamento. Onde estão os livros que ficavam aqui na estante?

ALUNO

Já encaixotei tudo e coloquei no armário da lavanderia.

PROFESSORA

Os meus livros você colocou na lavanderia? (Corre até lá) Não! William Shakespeare veio parar na lavanderia? (Volta) Vitor Hugo, eu quero uma explicação! Posso saber o que significa tudo isso?

ALUNO

Precisamos fazer a lista dos convidados e providenciar os convites antes que seja tarde.

PROFESSORA

Eu não vou fazer nenhuma lista de convidados enquanto você não me der uma explicação sobre essa anarquia que você está fazendo no meu apartamento. Você ficou paranóico?

ALUNO

Você não vai usar aqueles livros, por que insiste que eles fiquem na sala?

PROFESSORA

Mas são meus livros e eu quero que eles fiquem aqui!

ALUNO (vai à lavanderia, pega o caixote e traz para sala)

Tá ok, eu vou buscar os livros e colocar na sala. Pronto! Aqui estão os livros. Quê mais?

PROFESSORA

Depois o sr. tira tudo da caixa e volta onde estava!

ALUNO

Se você falar assim de novo comigo eu largo tudo como está, abro essa porta e vou embora. Não tem mais festa, não tem casamento, não tem mais nada!

PROFESSORA

Você foi precipitado e começou pintar sem me consultar.

ALUNO

Não gostou? Faça o serviço você.

PROFESSORA

Você não sabe se eu gosto de creme ou gosto de azul.

ALUNO

Mas eu gosto de creme.

PROFESSORA

Creme não, porque suja muito.

Hello, Boy !

ALUNO

Tá bem. Então não vou pintar mais nada. Fica como está.

PROFESSORA

Não, sr. Você começou agora termine. (Abre a geladeira e coloca umas coisas) Eu trouxe geleia de mocotó, se você quiser está dentro da geladeira. (Bate a porta da geladeira)

ALUNO

O jogo de sofá vai chegar amanhã cedo.

PROFESSORA

Você comprou jogo de sofá?

ALUNO

Comprei.

PROFESSORA

Mas o que nós vamos fazer com tanto jogo de sofá se já temos um aqui?

ALUNO

O seu já está caindo aos pedaços, resolvi comprar outro.

PROFESSORA

Vitor, você vai levar seu avô à falência desse jeito.

ALUNO (vem para a cozinha)

Tem mais umas coisas ainda, que eu quero mexer nesta casa.

PROFESSORA

Você come fígado prá eu fritar?

ALUNO (abrindo a geladeira)

Hã-hã.

PROFESSORA

Saia da frente da geladeira, Vitor!

ALUNO

Ah! Você sabia? (Pega a geléia de mocotó) Nos Estados Unidos já existe transplante de medula.

PROFESSORA

Claro, o que que não existe nos Estados Unidos? Lá eles transplantam tudo.

ALUNO

O que você acha disso?

PROFESSORA

Eu acho que você devia sair da frente dessa geladeira e acabar de uma vez com aquela folia que você fez na sala.

ALUNO (passa o dedo na geléia e lambe)

Será que fica caro um transplante de medula?

PROFESSORA

Ah, Vitor, não sei, engula de uma vez essa geléia que está me dando ânsia.

ALUNO (lembra-se)

Ah! tenho um presente. (Tira duas alianças do bolso)

PROFESSORA

O que é isso? Você é completamente maluco, mesmo. Limpe esse dedo pelo menos.

(Põem as alianças. Músicas. Luz)

(No alto da colina. Vista panorâmica da cidade. Fazem poses, tiram fotos, etc.)

ALUNO (à distância)

Me dê a mão e vamos subir mais um pouco.

PROFESSORA

Ande você na frente, eu prefiro ir sozinha. Quero fôlego!

ALUNO (visualizando a planície)

Venha ver quanta coisa dá prá enxergar daqui de cima. Olhe!

PROFESSORA

Ah, que altura! A quantos metros estamos?

ALUNO

Não sei, mas daqui de cima dá prá enxergar a cidade inteira. Olhe onde eu moro! (Aponta) Lá onde estão aquelas árvores.

PROFESSORA

Você tem uma vista boa, eu não estou conseguindo enxergar nada.

ALUNO

Ali, olhe! O prédio que você mora fica naquela direção.

PROFESSORA

Onde? Ah, é mesmo. E o colégio? Deixe-me ver onde fica o colégio.

ALUNO

O colégio é pra cá. Está vendo? O colégio, a matriz, o cemitério... Minha mãe está enterrada naquele cemitério. (Sobe) Vou tirar uma foto daqui de cima. (Bate a foto)

PROFESSORA (aproximando-se de uma enorme pedra)

Você viu quanta coisa está escrita aqui? Eu vou deixar uma lembrança também.

ALUNO (desenha um coração)

Que pedra enorme! Deve ser da pré-história. (Escreve) Olívia, nunca se esqueça do Jack estripador.

PROFESSORA (escreve)

Vitor e Olívia juntos para sempre.

Hello, Boy !

ALUNO

Este coração é nosso!

PROFESSORA

Fique de perfil que eu vou tentar desenhar seu rosto.

ALUNO (sobe mais alto)

Se eu tivesse um par de asas eu ia iniciar uma grande aventura. Voar por esse mundo a fora...

PROFESSORA

Ó frustração de Ícaro! Você é um pássaro que não pode voar.

ALUNO

Um Ícaro querendo voar e abraçar o mundo, Olívia. Acima das nuvens, das montanhas, dos penhascos!

PROFESSORA

Mas você é um homem, Vitor, e um homem não vai além da superfície!

ALUNO

Se eu me deitasse, Olívia...

PROFESSORA

Se você se deitasse?

ALUNO

E abrisse os braços...

PROFESSORA

E abrisse os braços?

ALUNO

Quem sabe eu pudesse fechar os olhos e viajar, Olívia, viajar como uma águia que não pretende voltar nunca mais. E voar, voar voar!

(Ouve-se um grito lancinante de alguém que cai. Um tempo em silêncio. Foco de luz no quarto da Professora, tirando as roupas de solteira. Outro foco no aluno, no quarto, vestindo fraque e capacete de moto no lugar da cartola).

(NA IGREJA.. Ritual do casamento, com música e alguns efeitos de luz).

(APÓS O CASAMENTO)

ALUNO

Finalmente juntos, até que a morte nos separe.

PROFESSORA

Acho que eu vou demorar um pouco prá acordar deste sonho.

ALUNO (tira um cartão e mostra)

Quando você acordar já estará longe daqui.

PROFESSORA

O que é isso?

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

ALUNO

O seu passaporte. Queira se dirigir à plataforma de embarque.

PROFESSORA

Passaporte prá onde?

ALUNO

Prá Europa maravilhosa. Presente dos meus avós. Vamos indo que o avião não espera.  
(Começam a andar)

PROFESSORA

Mas e as nossas malas, Vitor?

(NA PORTA DA IGREJA)

PROFESSORA (leva um susto)

Anhhh! O que significa esse povo, Vitor? A escola inteira!

ALUNO

Eles vão nos acompanhar até o aeroporto. (Grita) Senhoras e senhores, aqui estamos!

PROFESSORA (contentamento e surpresa; fixando a platéia)

Eu nunca vi tanto motoqueiro na minha vida!

ALUNO (Grita)

Liguem suas máquinas que a noiva vai passar! Vamos, suba na garupa que eles vêm atrás.

PROFESSORA

Eu vou despencar da moto com essas roupas, Vitor. É melhor chamarmos um táxi!

ALUNO

Vamos assim mesmo que ainda temos que chegar no aeroporto...

PROFESSORA

Eu não vou entrar no avião desse jeito, vão pensar que eu sou alguma débil mental.

ALUNO

Vai entrar sim senhora. Suba aí de uma vez!

(A moto sai em disparada e os demais alunos seguem atrás. Passa um caminhão e o aluno dá uma freada brusca. PÂNICO. MORTE. ESTILHAÇOS.

A luz volta a acender, sobre o véu manchado de sangue e o capacete no chão).

Hello, Boy !